

A ORIGEM

Rodrigo Petronio

Fim

A origem é uma ideia que obseda os seres humanos. E quando digo *obseda*, creio que o leitor sinta aquele misto de estupor, graça e incômodo que toda palavra anacrônica revela. E o faz não por ela ser nova, mas justamente por ela ser antiga a perder de vista – original. Eis o óbice da questão. Pascal dizia que se formos rastrear a origem de nossas ideias, teríamos que o fazer ao infinito. E ao fim deste percurso infinito, para a frustração dos obsequiosos e tenazes leitores, como o próprio truísmo da frase indica, não chegaríamos a uma eventual ideia original. Chegaríamos tão somente ao Nada. É por isso que o grande filósofo, não por acaso também matemático, vai criticar esse modo de raciocínio demonstrativo, que ele chama de *modo geométrico*, próprio ao *esprit géométrique*, oposto ao *esprit de finesse* (espírito de fineza), cujas raízes estão fincadas nas movediças areias do deserto teológico, ou seja, naquele fundamento imponderável de nossa condição, opaco à razão e aos conceitos.

Porém, não só de geometria vive a origem. Ela está incrustada onde menos esperamos. À espreita, onde sequer sonhamos. De tocaia, aguardando nosso primeiro cochilo para dar o bote. Pois vivemos constantemente em busca de origens: nossa condição atual, o desarranjo familiar, a decadência do casamento, a situação do país, um tumor, um problema respiratório, uma desilusão. Onde é que começou tudo isso que eu nem percebi? Sim. É essa incapacidade de perceber os começos que torna a origem mais misteriosa. Somos sensíveis ao fim. Sentimos o fim com a potência de um recém-nascido capturando em seus pulmões hesitantes a sua primeira parcela de ar. Mas o fazemos justamente porque não percebemos algo essencial: a origem do fim. Quando vimos: ei-lo. O fim chegou. Instalou-se. Consumou. Deu cabo, como se costuma dizer. A uma fase. A um sentimento. A um projeto. A uma vida. Como diria Santo Agostinho em relação ao tempo: se não me perguntam o que é, sei. Se me perguntam, deixo de saber. O que passou, deixou de ser. O que não veio, ainda não é. O que é então o tempo? De onde vem a origem?

Por conta dessas sutilezas incômodas, a origem deu alguns excelentes assuntos filosóficos e científicos: origem do totalitarismo (Arendt), origem das línguas (Rousseau), origem da propriedade privada (Marx e Engels), origem das espécies (Darwin). O nosso clássico *Raízes do Brasil* não faz nada mais do que mascarar uma romântica defesa das origens, cuja origem (para prosseguir o truísmo), como demonstrou o historiador João Kennedy Eugênio, remonta à filosofia organicista e vitalista alemã, sobretudo a Ludwig Klages e Max Scheler, sob um termo ainda mais comprometedor: *raiz*. Essa malícia cordial de Sergio Buarque de Holanda se chama: varrer a origem para debaixo do matinho. Mas não adianta. A origem volta. Sempre. A origem é indefectível. Indeclinável.

A origem foi o cerne da clivagem de poder durante muitos milênios, se pensarmos nas linhagens e nas dinastias reais. Bem como é o cerne da cultura patriarcal, dos patriarcas israelitas bíblicos à figura do *pater familias*, que o gênio Gilberto Freyre identificou como sendo o motor civilizacional dos trópicos, em especial do Brasil. Não tem como perder a vigência do dia para a noite. Tanto que muitos acreditam ingenuamente que as forças do poder popular, do século XVIII até hoje, teriam destronado a mitologia das origens. Mas quando se fala em “origem popular”, em “origem operária”, em “origem rica”, em “origem humilde”, não fazemos nada mais do que criar condições eletivas e morais para validar atos e pessoas como dignos ou indignos. Apenas o fazemos não mais a partir de valores aristocráticos, mas democráticos, mercadológicos ou, em última instância, demagógicos.

Antes de Adão

Como se pode ver, e como bem notou Walter Benjamin, as áureas da origem, como a coroa de louros do poeta narrado por Baudelaire, caiu no meio-fio dos trilhos do bonde. Recuperá-la pode custar a própria vida. Logo se percebeu a fragilidade e o caráter aleatório das construções em nome da origem. Não à toa, uma das mais fortes correntes do pensamento moderno, denominada por Paul Ricoeur de *hermenêutica da suspeita*. Embora Ricoeur concentre a hermenêutica da suspeita nos nomes de Nietzsche, Freud e Marx, em linhas gerais e de modos distintos podemos expandi-la para autores como Feuerbach, Foucault, Girard, Becker e Agamben, entre outros. Ela consiste

basicamente em revolver as camadas de sentido que foram sobrepostas às instituições da civilização com o intuito de ocultar a estrutura fundadora de nossa condição humana, seja ela social, econômica, religiosa, moral ou psíquica. Ou seja: pretende cortar o cordão umbilical que ainda prende a humanidade ao Gênesis, para que possamos finalmente nos tornar adultos. Dura e temerosa cirurgia, esta.

Ao fazê-lo, os filósofos da suspeita revolvem as vísceras podres da origem e desvendam, sob as miragens da gloriosa emergência humana na cena do mundo, um conjunto arbitrário de projeções, falsificações, mentiras, roubos, denegações, lapsos e assassinatos fundadores. Eis que a oficina de mitos da origem começa a demonstrar sinais de cansaço. Se não existem *fatos*, mas apenas *interpretações*, como quer Nietzsche, toda origem nasce e sempre nascerá de uma capacidade criadora, interpretativa, plasmadora do real, seja ele passada, presente ou futuro. E sempre retornará a essa zona de sombras que é o esteio de todas as representações e interpretações possíveis, assim sucessivamente, por toda a eternidade. Estamos presos em malhas hermenêuticas que destroem não só toda a objetividade, mas a condição de possibilidade de um sujeito uno que apreenda essa mesma objetividade em sua dimensão efetiva. Pois como diz Nietzsche (e Foucault no seu encaixo), o sujeito não é nada mais do que película transparente por onde fantasmas anônimos e esperanças alheias murmuram em milhares de vozes e coreografam sua indiferença no palco de nossa consciência.

O mesmo se daria para Freud, para Becker, para Agamben ou para Girard, cada um a seu modo. A origem nada mais seria do que uma projeção idealizada retrospectivamente da substância mimética, rivalizadora e violenta de que somos feitos. Seja mediante o assassinato fundador que instaura o sagrado e produz, por meio do bode expiatório, a primeira forma de coesão de grupo (Girard), seja por meio da deglutição do pai totêmico, que inaugura a ordem simbólica e a noção de lei, internalizada pelo inconsciente (Freud), seja pelo processo de hominização, em cujo interior se encontra uma mentira humanizadora, a *mentira caracterológica* (Becker), seja porque o próprio princípio de legitimidade do Estado, em sua dinâmica de puro-impuro e de sagrado-profano atribuiu uma sacralidade ao homem abjeto, definindo o *homo sacer* como *homem matável*, como na fina análise biopolítica de Agamben. Em

qualquer dessas alternativas não há alternativa: a estrutura ontológica, original e originária do homem é vista como um beco sem saída e um circuito fechado, tensionado entre dois extremos: a ilusão e o autoaniquilamento. E assim, prossegue-se, em linhas diversas, a velha tese de Feuerbach: o homem é a chave de explicação do homem. Tudo o que se criou para além disso é ilusão e autoengano, a começar pelas religiões.

Por outro lado, há uma aparente naturalidade em nossa vida mental, sexual, moral, bem como em todos os nossos costumes. Mas essa naturalidade não passa de um desvio que, conduzido historicamente pelas tecnologias hegemônicas de construção dos corpos e da subjetividade, acabou por se naturalizar. É preciso fazer uma genealogia e uma arqueologia dos sujeitos para saber quando de fato nascem as ideias-normas que fundamentam os desvios enquanto desvios, propõe Foucault. Apenas no cuidado de si e do outro há vida política. Apenas na *parrésia* (franqueza) há verdade, quando o sujeito fala de fato de si sem interdição. Ou seja: quando acessa a origem de seu verdadeiro desejo. E essas são apenas algumas das dezenas de contribuições que a hermenêutica da suspeita nos legou.

Ficção Monocausal

Porém, como diz Kierkegaard, é preciso duvidar de tudo. Inclusive da dúvida. Assim, o que ocorreria se levássemos a hermenêutica da suspeita às suas últimas consequências? Suspeitaríamos da suspeita? Seria um bom começo. Promover uma erosão completa das instituições humanas em busca de seu mecanismo interno motivador é um ato dos mais dignos do esclarecimento humano, prestado por esses pensadores. Mas esses grandes cirurgiões, ao dissecaram o corpo social e psíquico da humanidade em busca das motivações secretas de nossas ideias mais originais, parecem desconsiderar ou minimizar que a demonstração da artificialidade e da arbitrariedade da origem de um dado sistema de crenças não anula a recorrência interna, igualmente arbitrária, dos elementos desses mesmos sistemas. Em outras palavras, o fato de sistemas de crenças eficientes serem reais ou ilusórios em nada altera a eficiência real ou ficcional dos agentes e das ações interiores a esses mesmos sistemas. Afinal, em última instância, ou todas as crenças são rigorosamente falsas, incluindo-se aqui a descrença

como uma modalidade específica de crença, ou todas elas são radicalmente verdadeiras.

Se pensarmos nos termos do *teorema da incompletude* de Kurt Gödel ou na *teoria dos sistemas* de Niklas Luhmann, é preciso haver algo fora de um sistema que sirva de ponto de sustentação de sua própria validade interna. Não existem sistemas autotélicos que não sejam necessariamente tautológicos. Portanto: logicamente inválidos. O ponto extrassistêmico necessário à demonstração da consistência de cada uma dessas hermenêuticas de erosão acaba recaindo sobre a própria validade interna de cada sistema interpretativo. Em outras palavras, todo sistema que postule uma totalidade monocausal, ou seja, uma *origem única* para a pluralidade das esferas de atuação humanas, seja essa origem única o capital, o mimetismo, o inconsciente, o poder, a sacralidade, a legitimação, a ideologia, a linguagem ou o acaso, acaba recaindo, necessariamente, para falar com Wittgenstein, em uma *contradição performativa* por parte de seus proponentes.

Isso se dá porque eles enunciam algo que, pretendendo ser um princípio de regulação da totalidade do real, só pode ser validado pelos dados internos do sistema que postula essa mesma regulação. Tais sistemas, justamente por não poderem ser refutados por outros sistemas, revelam o seu caráter incontornavelmente autocontraditório. Em termos gerais, poderíamos dizer que toda teoria monocausal, embora pretenda explicitar a estrutura última da realidade, paradoxalmente não consegue fazê-lo sem se apoiar em uma matriz ficcional relativa à sua própria origem. A saber: a hipótese inverossímil de sua autofundação. Ou seja, toda hermenêutica que se pretenda reveladora das motivações presentes no coração do real, só o faz à medida que oculta o âmago motivador de si mesma. Em última instância, todo sistema totalizador ou autotélico é um sistema metafísico, por mais que se queira secular e posterior à morte de Deus.

Da Fábrica ao Ventre

Um dos pontos interessantes dessas críticas possíveis diz respeito ao marxismo. O marxismo foi e continua sendo profético e irretocável em relação a muitos aspetos estruturais de nossa realidade. Mas um dos pontos frágeis da teoria marxista é a absoluta insignificância que a origem individual desempenha

em seu arcabouço. Trata-se de uma teoria da produção da riqueza e das relações de produção, mas que ignora quase sumariamente um dos corações do poder: a geração da vida. Ocupa-se da escola, da empresa, do hospital, da fábrica, dos manicômios, das cadeias, das mercadorias, do preço, ou seja, de todas as esferas da vida social e econômica. Mas não se ocupa do lar. Teoriza sobre o Estado e sobre o Capital. Mas ignora o ventre e a maternidade. Ao flagrar as relações de poder na dinâmica das relações de troca, trabalho, reificação e mais-valia, durante muito tempo a teoria marxista esqueceu de vislumbrar a mais óbvia de todas as produções: a de seres humanos.

Ao assimilar todos os dados da realidade como dados de uma construção histórica objetiva, e ao propor a noção de *privacidade* como a ilusão burguesa com a qual os senhores se blindam e ocultam os anteparos infraestruturais que lhes legitimam o exercício do poder, muitas linhas do marxismo deixaram em boa medida uma lacuna considerável em tudo o que concerne à intimidade, ao lar, à vida interior, à gestação, ou seja, à geração da vida ulteriormente confiscável pelas cadeias produtivas. Não por acaso, a biotecnologia será o golpe mais devastador sofrido pela teoria marxista. Isso porque a biotecnologia consiste basicamente em um deslocamento radical nas teorias do poder e em uma translação da era política à era biopolítica. A partir dela, o poder vai migrar das relações de produção *entre* seres humanos para as relações de produção *de* seres humanos. E aqui, como elemento corretivo, não só ao marxismo, mas a toda teoria que superestime as superestruturas em detrimento das estruturas imanentes de gestação e geração da vida, nada mais valioso do que a *teoria das esferas*, desenvolvida por Peter Sloterdijk, notadamente no que concerne às *microesferas* ou *esferas de intimização*.

Razão Narrativa

Para além desses rigorismos filosóficos, a ênfase na ideia de origem também originou (perdão pelo cacoete pouco original) algumas *boutades* curiosas, tais como: origem dos nossos hábitos à mesa, origem da alimentação, origem da troca de cartas, origem funcional dos polegares, origem dos sutiãs. Peças de mobiliário muito bem manejadas em um ensaio de Montaigne, Lévi-Strauss, La Boétie ou Hume, mas de gosto duvidoso quando esmiuçadas arqueologicamente. E ao falar em origem, impossível não pensar

no seu símbolo máximo: a criança. A invenção da infância é uma das invenções de origens mais originais da modernidade. De um adulto pequeno, de um homúnculo com desenvoltura, de um anão passível de crescimento, nasce uma nova luz. Com ela, todo um vocabulário, um repertório, um imaginário, toda a diversão e todo aborrecimento do mundo, contido nesse pequeno novo ser, tão significativa quanto inofensivo.

Claro. Para todos os povos a sua própria origem é o que há de mais elevado sobre a face da Terra. Dos lapões aos escandinavos, dos tapajós aos texanos, dos mineiros aos haitianos, dos tchecos aos suíços, dos nepaleses aos sul-africanos, dos bororos aos esquimós. Todo povo tem o seu poeta e o seu historiador oficiais, que narram a saga de martírio, glória e grandeza enfrentada por esse mesmo povo – em suas origens. Ao contrário do que se idealiza, essas origens tampouco são populares. Mas um fino artifício na tessitura de poder tramada pelos doutos e ilustres. Tudo não passa daquilo que o grande filósofo italiano Giambattista Vico chamou de *boria dei dotti* (vaidade dos doutos).

Todos querem ser a quintessência da humanidade. E o conseguem ao contar com a quintessência dispersa de si mesmos tanto em seus antepassados quanto em seus consanguíneos. Por isso, inventam origens. Provavelmente não houve grandeza alguma. Mas apenas uma luta pífida por sobrevivência. Como a origem se perdeu, todos sabem que nada foi dessa forma. Mas agem *como se fosse*. Ocultam a verdade com uma dupla mentira. Felizmente. Parafraseando Oscar Wilde: o que seria do mundo sem a mentira? Nasce daí o mito. Como diz Eliade, os *mitos de origem* são as mais poderosas forças de coesão social para os povos tradicionais. Pois mexem são a espinha dorsal de sua autoimagem. Diríamos hoje: de sua autoestima. Ou seja, lidam com o que há de mais poderoso e devastador no ser humano: a vaidade.

Da origem humana à origem do universo, da origem dos povos à nossa origem divina, abre-se um abismo. Sim. Impossível acessá-las. Sabemos. Mas diariamente não temos pudor algum em nomear nossos antepassados de Órion, nossos ancestrais celestiais, nossos irmãos símios, nossa família animal, nossos avôs biológicos e nossos pais espirituais. Seja descendendo das estrelas (como queria Platão), seja de Deus (como querem os religiosos), seja do macaco (como queria Darwin) ou das bactérias (como rezam os

geneticistas), o homem respira cotidianamente uma compulsão pela origem. Vive de sua fabricação. O dia que a usina da origem falhar, estaremos perdidos. Será de fato a morte. Não do indivíduo singular. Mas da espécie. Porque o homem, talvez por ser o mais mentiroso e mais mimético de todos os animais, por pura sobrevivência, teve que criar para si a maior de todas as mentiras jamais criada: a ideia de que existe uma origem. E que podemos vê-la. Tocá-la. Narrá-la. Vivê-la.

Protologia e Escatologia

Há duas matrizes imaginárias fundamentais no que concerne às ideias de salvação. Uma radica o sentido da vida em suas origens remotas (*prótos*). A outra, em um futuro ainda ser consumado, momento último do tempo e ponto último do espaço: *eschaton*. O Ocidente se enganou durante séculos atribuindo à vida após a morte a chave do segredo e a explicação final da nossa saga de miséria e esplendor sobre a Terra. Muitos orientais, especialmente algumas religiões indianas, são mais discretos e mais ambiciosos em sua formulação. Sabem que o grande enigma não está depois da morte, algo positivamente impassível de verificação – mas antes da vida. Não se trata de sabermos para onde vamos, mas sim de onde viemos. Ou melhor: como e quando viemos a ser. É no que fomos e não no que seremos que reside a explicação última do que somos.

Essa explicação pode ser apenas mais uma ficção útil dentre tantas outras ficções. Mas tem uma vantagem. A ilusão de um começo, em sua dupla irrealdade, acaba sendo ainda mais irreal e impalpável do que as ilusões do fim. E por isso, paradoxalmente, mais verdadeira. O além-vida pode ser mensurado em termos hipotéticos. Justamente por isso, está sujeito a erro. O aquém-vida só pode ser descrito em termos puramente ficcionais. E, exatamente por isso, pode ser mais ou menos verossímil, mas nunca errado. A odisséia reencarnacionista, ao conceber o real como pura ficcionalização, acaba nos concedendo uma lucidez mais penetrante do que todas as mitologias que projetam a nossa eternidade em um plano futuro, por meio daquela *colonização do além*, bem lembrada por Le Goff.

Trata-se de dois regimes distintos de verdade. Como ambos são umbrais inacessíveis, entre a hipoteca do futuro e ficcionalização da origem, esta é

muito mais sublime do que aquela. Na primeira, projetamos os dados da realidade em um futuro improvável, no qual este mundo que me circunda por fim vai se realizar, ou seja, finalmente vai ser o que é, fato sobre o qual repousa uma evidente tautologia. Na segunda, traduzimos a origem inacessível do mundo na forma mesma deste mundo que eu e você, leitor, habitamos, neste exato momento. A primeira vai da realidade presente à ficção futura, ou seja, torna a vida cada vez mais evanescente. Ao passo que a segunda vai do passado irreal ao presente tangível. Assim, ao conferir uma explicação ficcional à realidade, torna a ficção cada vez mais imperativa e a realidade cada vez mais espessa.

Maia

Ver o mundo como um teatro no qual as origens intangíveis de nossas vidas se desfiam a nossos olhos como um novelo é mais sublime do que projetar estas nossas vidas concretas em um futuro construído hipoteticamente a partir de uma realidade cujos dados e cuja origem desconhecemos. Tal como aquela peça de teatro à qual entregamos nossa vida no intervalo de duas horas, iluminar o caráter arbitrário, casual, gratuito e fictício que subjaz a toda origem: talvez seja exatamente esta a lucidez que falta a todos os adoradores do futuro, seja este futuro utópico ou sobrenatural. É também o que falta a todos os inventores de origens que não se dão conta do quão artificial é a sua invenção. Pois se os adoradores do futuro invariavelmente se frustrarão com o presente que os aguarda, os inventores de origens, no fundo, sempre acabam acreditando nas mentiras que um dia contaram para si.

Rodrigo Petronio é editor, escritor e professor. Formado em Letras Clássicas e Vernáculas pela USP. É professor da Casa do Saber, da FAAP e da Fundação Ema Klabin. Pesquisador associado do Nemes (Núcleo de Estudos de Mística e Santidade) da PUC-SP, com ênfase nas áreas de Arte e Filosofia. Autor dos livros *História Natural* (poemas, 2000), *Transversal do Tempo* (ensaios, 2002) e *Assinatura do Sol* (poemas, Lisboa, 2005). É organizador do livro *Animal Olhar* (Escrituras, 2005), primeira antologia do poeta português António Ramos Rosa publicada no Brasil, e das *Obras Completas* do filósofo brasileiro Vicente Ferreira da Silva (três tomos). Lançou, pela editora A Girafa, o livro de poemas *Pedra de Luz*, finalista do Prêmio Jabuti 2006. Foi congratulado com o Prêmio Nacional ALB/Braskem de 2007, com a obra *Venho de um País Selvagem*, publicada em 2009 pela Topbooks, e que foi contemplada também com o Prêmio da Fundação Biblioteca Nacional.